Zilda Catharina Simcsik

Rosas para Jarbas

São Paulo - 2014

Capa

Alexandra Hardt Carlini

Agradeço aos meus filhos Nizia, Tibor

e aos meus netos Mauro e Roberto

Sumario

Primeiras Lembranças	4
Senhora Protetora	8
Aprendendo a Ler	14
O Novo Lar	18
Primeiro Amigo	22
A descoberta do amor	29
A surpresa	33
Mudança de Vida	39
O Sonho Realizado	50
A Conquista	53
A Festa de Natal	61
Buenos Aires	76
As Visitas	85
A Dor	96
Saudades e Amor	102
A decepção	112
Volta ao Brasil	116
Nunca é Tarde	120

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS

Tenho três anos... minha primeira lembrança é o frio, muito frio, depois a fome, muita fome. Não sabia localizar onde eu estava... abrindo um pouco os olhos, contra a luz intensa, vi um vulto que se aproximava como uma sombra, lentamente, crescendo a cada degrau que vencia! Uma mulher, cuja brancura era realçada pelo contraste da roupa preta.

Segurava pela mão, um menino de mais ou menos cinco anos e caminhava em minha direção. Parou olhando-me nos olhos, e percebi que procurava alguma coisa na bolsa. Encontrou o que desejava e entregou ao menino, que assustado me jogou no colo um papel. Abro lentamente e fico olhando as figuras de um rosto, de um bicho e outros desenhos coloridos. Na ocasião eu não conhecia dinheiro.

Não percebi uma menina que brincava nos degraus e que arrancou a nota de minhas mãos e saiu correndo. Só pude dizer, quase como reclamo, "*tô com fome",* mas não adiantou porque ela se afastou, desaparecendo.

Fiquei na mesma posição, sentado, perdido na fome e no frio, vendo outras pessoas subindo e descendo, quando no meio delas, percebo a mesma menina, carregando dois sacos de papel. Chegando ao meu lado, sentou-se e rindo me entregou um saco, onde encontrei um pão. Começamos a comer em silêncio. Ela rapidamente terminou, levantou e saiu correndo. Eu fiquei mastigando lentamente, segurando muito forte aquele presente. Adormeci naquela posição.

Depois de um tempo que não posso precisar, acordei puxado por uma mão e ao mesmo tempo ouvindo:

--- *Vem, vem... vai chover... corre...*

E lá fui eu arrastado pela mão até o outro lado da praça onde, de repente, fui empurrado para um pequeno vão entre duas paredes.

Lentamente levo à boca o pedaço do pão molhado recebendo uma ordem: - *Fique quietinho aí... aproveite que aí não chove!*

Escuto um desabafo, como pergunta que nunca esqueci: *Quem foi a desalmada que te jogou nos degraus da Igreja?* Só muito mais tarde, entendi a

relação entre, frio, fome e degraus gelados da porta de uma Igreja. Havia sido abandonado.

A menina deixou-me enquanto eu percorria com os olhos o espaço entre as paredes, descobrindo buracos, rachaduras e tijolos descascados. Olho pelo vão e vejo o céu, percebendo que já era noite. Eu devia ter mais ou menos três anos, magro, miúdo, subnutrido e muito maltratado.

Amanheceu! a luz do sol passou por uma fresta. Olhando novamente em volta, comecei a brincar com os buracos para esconder a fome. Sigo a luz e chego por onde entrei. Saí perdido entre dezenas de pernas que passavam por mim, ignorando-me. Consegui, não sei como, chegar ao outro lado da praça, até os degraus da Igreja, meu primeiro lugar conhecido.

Nesse dia, lembro-me de outra mulher que parou e deu-me um pacote de biscoitos que ela comia; a menina do pão, aquela que me arrastou para a obra abandonada, passou rapidamente e deixou ao meu lado uma banana; um vendedor, com seu carrinho de mão, deu-me um montão de bolinhas, doces e vermelhas, que eu não conhecia. Eram uvas.

Dessa forma fui sobrevivendo, criado pelos companheiros da praça, em frente à Igreja. Todos nós éramos ligados pelo abandono e pela fome. Algumas pessoas mais piedosas, como a vendedora de biscoitos, traziam roupas, sapatos e alimentos e assim íamos seguindo, aprendendo que dependíamos da caridade para viver.

Durante as brincadeiras ou sentado nos degraus da Igreja, no meu canto preferido, aguardava semanalmente a chegada daquela senhora de preto, sorriso afável, que trazia pela mão o menino, sempre tão limpo e arrumado, que corria em minha direção para dar-me dobradinha, uma nota. Ela vinha sempre vestida de preto, o que realçava sua beleza. Usava um perfume que até hoje sinto em minhas lembranças. Eu escondia, rapidamente, o dinheiro entregue em minhas mãos, pois desconhecia o seu valor e sabia que facilmente seria levado pelos moleques da rua. À noite, recolhendo as notas escondidas pelo corpo, praticava a minha brincadeira preferida, enrolar cada nota e esconder nos pequenos buracos que foram aprofundados por meus dedos.

SENHORA PROTETORA

O tempo passou sem que eu tivesse noção dos anos. Meus colegas de praça cresceram e eu também. Numa dessas semanas, aquele menino que, acompanhado de sua mãe, atirava notas no meu colo, apareceu só, trajando calças compridas. Notei que em seus olhos vermelhos se viam lágrimas.

Em seguida, um carro grande com quatro homens de preto parou. Retiraram pelo porta-malas um caixão de madeira. Somente mais tarde eu entenderia que era um caixão com o corpo de sua mãe.

Assustado, levantei e afastei-me, pois o padre não gostava da nossa presença perto da porta principal, embora sempre nos desse comida. Fiquei de lado, na entrada, vendo o cortejo passar e duas lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Nesse momento assustei-me com um grito:

- *Jarbas, Jarbas, venha aqui!*

Procurei em volta o tal de Jarbas... não havia ninguém... Fui em direção ao homem que

gesticulava na porta de uma lanchonete, o mesmo que nos dava, ao final do dia, as sobras do almoço por quilo. Escutei:

- *Corre, vá tomar banho e coloque o uniforme. Você vai ficar no lugar do atendente que faltou. A ajudante vai te ensinar tudo.*

Não conhecia nenhum Jarbas e ele não me deu tempo de abrir a boca. Lá fui, empurrado para trás do balcão, levado pela mão da ajudante para o banheiro dos fundos, onde, maravilhado, tomei meu primeiro banho aos oito anos de idade, mais ou menos. Eu estava gostando da água quente e daquela pedra que ela me dera para passar no corpo e que fazia espuma. A ajudante, percebendo meu prazer, desligou o chuveiro e me deu um saco branco para me enxugar dizendo:

- *Se enxuga rápido e coloca essa roupa. Depois vá falar com o patrão...*

Em pouco tempo ela arrastou-me pela mão. Era a segunda vez que me via arrastado. Às pressas, levou-me para o outro canto que tinha caixas e caixas de laranjas e mostrou-me como fazer suco de laranja naquela máquina em cima do balcão, mais alto do que eu, problema que rapidamente

solucionei, subindo num caixote. Diferentes frutas me eram apresentadas para serem transformadas em sucos. De boné, camiseta com o nome da lanchonete e um calção surrado fui aprendendo a fazer sucos deliciosos. Mais uma vez perdi a noção do tempo e num certo momento tudo ficou silencioso. Terminara o horário do almoço.

Depois do expediente, após ter seguido todas as ordens e tentando ser o mais eficiente possível, o dono apareceu e me chamou de “Jarbas”. Era o que eu mais desejava, ter um nome... Nunca tivera um nome... agora, tinha um. Sentia-me bem em ser chamado de “Jarbas” e não mais de “Vida” ou “Viva Vida”, pois por ser o mais frágil da turma, podia ter morrido de qualquer coisa. Eu era um sobrevivente.

- *“Senta na soleira do quintal e come”.*

Ele me estendeu um prato de alumínio, cheio até as bordas com uma mistura de batatas fritas, tomate, arroz, restos de carne e um garfo. Eu nunca tinha usado um garfo, muito menos tinha visto um prato com tanta comida. Aprendi a equilibrar o prato nos joelhos e, com o garfo, a espetar a carne.

Depois do almoço, lavei o prato e o garfo, que se perderam misturados a tantos outros. Por fim, terminado o trabalho, estava indo embora, quando fui chamado:

- *Jarbas, toma esse dinheiro e vá até a esquina, compre uma sandália decente e venha à noite para terminar o seu serviço.*

Voltei já calçado e deixei a nota fiscal e o troco junto à caixa registradora, quando o dono do restaurante, olhando firmemente nos meus olhos disse:

- *Jarbas,* v*olte às 22,00 horas para ajudar a lavar o chão e a calçada.*

Antes do horário combinado, sentado num banco da praça, vi o patrão gesticulando, chamando-me para que viesse ajudar a preparar alguns sucos.

No final, a recompensa: uma sacola cheia de frutas maduras e um copo grande de vitamina. Era a primeira vez que eu segurava um copo daquele tamanho com algo tão gostoso. Bebia o líquido correndo a língua pelos lábios.

Naquela noite fui dormir satisfeito, no vão de obra que a cada dia estreitava-se mais.

Todo dia, na lanchonete, eu aprendia alguma coisa, como segurar garfo e faca, como sentar e até como falar. Gostava do meu trabalho.

O menino, que apelidei de Sol, pois sua figura sempre aparecia contra a luz solar, continuava frequentando a Igreja e deixando-me algum dinheiro. Numa dessas vezes, sentou-se ao meu lado no degrau da Igreja e, para minha surpresa, começou a falar um pouco de sua vida. Entendi que aquele dinheiro semanal não era esmola, mas alguma coisa muito especial, que sua mãe deixou-lhe como aprendizado. Sempre que possível, ele deveria ajudar uma criança pobre, para que ela pudesse, ao menos, comprar pão.

Nesse primeiro encontro, apenas ouvi, enquanto ele falava da mãe e da saudade que sentia. De repente, levantou-se, deixando-me uma nota de dinheiro, e desceu a escadaria rapidamente. Olhei aquela nota e vi que era de valor mais alto do que as que eu conhecia. Guardei-a no bolso e fiquei pensando que eu não tinha nenhuma lembrança de minha mãe. Deveria ser bom ter alguém para nos guiar pela